



CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



A mística¹ cristã primitiva: estudo das práticas mágicas na religião popular cristã.

The early Christian mysticism: study of magical practices in popular Christian religion.

Anna Flávia de Almeida Figueiredo ^[a]

São Bernardo do Campo, SP, Brasil

Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo

Como citar: FIGUEIREDO, Anna Flávia de Almeida. A mística cristã primitiva: estudo das práticas mágicas na religião popular cristã. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v.10, n. 1, p.66-77, jan./jun, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p66-77>

Resumo

O presente artigo propõe a análise de alguns papiros cristãos preservados nos Papiros Mágicos Gregos, um conjunto de documentos de origem egípcia datados dos primeiros séculos da Era Comum. Esses textos oferecem uma visão da religiosidade popular cristã primitiva, destacando suas práticas sincréticas e místicas. O estudo busca evidenciar os costumes mágicos da fé popular cristã, frequentemente marginalizados pelo racionalismo acadêmico e pela narrativa consolidada da ortodoxia cristã. Buscando superar a abordagem linear sobre as origens do cristianismo, este estudo propõe uma leitura mais plural e dinâmica da construção das crenças cristãs primitivas.

Palavras-chave: Religiosidade cristã popular. Cristianismo primitivo. Magia. Papiros cristãos. Amuleto.

¹Neste trabalho, entende-se ‘mística’ como a experiência de contato direto e íntimo com o divino, não restrita a visões extáticas ou êxtases contemplativos, mas estendida a práticas cotidianas em que o sagrado se manifesta de forma tangível, como ocorre nos amuletos analisados. Diferentemente de uma concepção estritamente institucional ou dogmática da fé, a mística aqui observada é popular, sincrética e ritual, revelando uma religiosidade que, ao conjugar fórmulas, símbolos e objetos, aproximava o fiel do poder sobrenatural.

(a) Mestranda em Estudos da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde realiza pesquisa com apoio da CAPES. Graduada em Teologia pela UMEsp (2023), integra o grupo de pesquisa Rastros – Memórias e Tradições Cristãs e Judaicas, cadastrado no CNPq. anna.figueiredo@hotmail.com

Abstract

The present article proposes an analysis of some Christian papyri preserved in the Greek Magical Papyri, a collection of Egyptian documents dating from the first centuries of the Common Era. These texts provide insight into Early Christian popular religiosity, highlighting its syncretic and mystical practices. This study seeks to shed light on the magical customs of popular Christian faith, which have often been marginalized by academic rationalism and the established narrative of Christian orthodoxy. In an effort to move beyond a linear approach to the origins of Christianity, this research proposes a more plural and dynamic interpretation of the construction of Early Christian beliefs.

Keywords. Popular Christian Religiosity. Early Christianity. Magic. Christian Papyri. Amulet.

Introdução

Em cada religião é possível identificar diferenças cruciais entre a forma como a religião em questão foi institucionalizada, tornando-se oficial, e a forma como ela estabeleceu-se no imaginário e nas práticas cotidianas dos homens e das mulheres que contribuíram para o seu desenvolvimento. Ainda que uma nova crença surja, sendo resultado de variadas interações socioculturais, ela nunca destrói totalmente as crenças e ritos que existiam anteriormente. Pelo contrário, alguns desses costumes se mantêm firmes e, ao invés de desaparecerem completamente, ganham novos contornos ao serem absorvidos pelas novas expressões de fé com o passar do tempo. Com o cristianismo não foi diferente.

O cristianismo, como o conhecemos hoje, tem origens ainda insuficientemente exploradas, e possui raízes que se estendem para além da narrativa consolidada pelos estudos clássicos, alcançando fontes mais profundas e complexas. No entanto, é possível ampliar essa compreensão superando os limites impostos pelo racionalismo acadêmico por meio da análise de documentos como os Papiros Mágicos Gregos (*Papyri Graecae Magicae*), organizados e publicados pelo alemão Karl Preisendanz no século XX. Dentro dessa coleção, Preisendanz identificou textos que, apesar de evidenciarem claras influências das religiões da época, são caracterizados por invocações a divindades e santos cristãos. Esses documentos, conhecidos como papiros cristãos, oferecem um novo caminho para a compreensão das práticas religiosas dos cristãos dos primeiros séculos EC.

A partir do estudo desses textos e de outras descobertas sobre a religiosidade popular cristã primitiva, torna-se evidente que, assim como outras culturas do mundo antigo estavam profundamente imersas no universo da magia, as comunidades cristãs também compartilhavam dessa realidade. Reconhecer a importância da magia para os primeiros cristãos significa também reconhecer um aspecto historicamente negligenciado pelos estudos do cristianismo: a religiosidade popular cristã era sincrética e plural, incorporando elementos mágicos e crenças populares. Este estudo busca apresentar um recorte sobre a vivência da fé cristã entre as classes mais baixas do Império Romano, um grupo que, ao que tudo indica, manteve características dos cultos de mistério². Essas práticas eram particularmente comuns nas áreas rurais, onde o cristianismo teve suas primeiras expressões antes de ganhar força nos centros urbanos.

Para esta investigação, trabalharemos com papiros cristãos localizados dentro do corpus dos Papiros Mágicos Gregos, em especial os exemplares de Oxirrinco e documentos hoje guardados em coleções museológicas. A escolha não é aleatória: são textos que mencionam de forma clara figuras centrais do cristianismo, como Jesus, Maria, anjos,

²Chamam-se ‘cultos de mistério’ as religiões iniciáticas da Antiguidade, sobretudo no mundo greco-romano, mas também com influências egípcias, persas e asiáticas, caracterizadas por rituais secretos de iniciação, práticas simbólicas e transmissão reservada de conhecimentos esotéricos. Em geral, esses cultos prometiam aos iniciados algum tipo de salvação, regeneração espiritual ou imortalidade, além de uma experiência de transformação pessoal. Exemplos clássicos incluem os Mistérios de Eléusis, os cultos de Dioniso, Ísis, Mitra e o Orfismo, dentre outros. Para discussões mais detalhadas sobre cultos de mistério, ver “Cultos de Mistério: Dionísio e as origens ocultas do cristianismo” (Junior, 2017).

santos, em meio a fórmulas e símbolos que misturam tradições. A leitura parte de uma análise histórica e textual, cruzando referências patrísticas com estudos contemporâneos sobre religiosidade popular. Mais do que isolar palavras, interessa-nos observar a materialidade desses amuletos, o modo como eram usados e o que podem nos revelar sobre o cotidiano de quem os portava. Naturalmente, há limites, já que nem tudo é datável com precisão, nem sempre é possível reconstruir o contexto exato. Ainda assim, os fragmentos que resistiram ao tempo lançam luz sobre uma experiência de fé onde práticas rituais, fórmulas e objetos faziam parte de uma mesma rede de sentido.

Cristianismo enquanto religião popular

Quando falamos de “religião popular cristã”, é importante reconhecer que nos referimos a um aspecto do cristianismo ainda pouco explorado. Embora saibamos muito pouco sobre a vida cotidiana dos primeiros cristãos, os fragmentos de documentos disponíveis atualmente nos permitem compreender que a religiosidade popular cristã era diversificada e plural, tendo contato com as mais variadas expressões de fé dentro do Império Romano. Esse período da história é frequentemente lembrado pela representação da elite, sobre tudo pelos imperadores romanos, cujas narrativas predominam nos registros históricos. No entanto, conforme Nogueira explica, essa elite representava apenas 1% da sociedade da época e, nos primeiros estágios do cristianismo, incluía poucos ou nenhum cristão (2018, p. 50). Desde sua origem na Palestina, entre os anos 30 e 40 EC, e sua subsequente disseminação pelos domínios do Império Romano, a fé cristã desenvolveu-se principalmente entre as classes mais baixas. Embora relatos de conversões de oficiais romanos e líderes judaicos existam dentro do cânon bíblico (At 10,1-48; 13,6-12; 16,25-34; Lc 8,3; At 6,7 e etc.), essas narrativas, mesmo quando consideradas históricas, são proporcionalmente muito menores em comparação com as conversões entre o povo comum (At 2,41 e etc.).

Essa realidade é frequentemente ignorada pelo fundamentalismo, o que resulta na ocultação de uma característica essencial do desenvolvimento da fé cristã: ela cresceu entre camadas populares, como camponeses e escravos, que traziam consigo elementos das mais variadas tradições religiosas. Para estudar o protocristianismo como religião popular, é preciso reconhecer que, assim como as demais religiões da época, o cristianismo passou por processos de sincretismo, nos quais elementos de outras tradições eram absorvidos e reinterpretados à medida que a fé se desenvolvia. Isso é evidente em práticas mágicas documentadas no cotidiano dos cristãos primitivos. Embora a ortodoxia rejeitasse essas práticas, como evidenciado no cânon bíblico (At 8,14-25; 13,6-12; Gl 5,19-21; Ap 21,8; 22,5) e pelos Pais da Igreja (Tertuliano, Irineu e Agostinho)³³, Hans Dieter Betz (1986) argumenta que elas permaneceram populares, pois grande parte da população se recusava a abandonar completamente seus ritos e encantamentos. Só a partir do século XIX é que os materiais sobre práticas mágicas cristãs começaram a ser estudados sistematicamente. Neste artigo, analisaremos alguns documentos que apresentam claras referências às crenças cristãs, incluindo instruções para práticas e objetos mágicos, com o objetivo de oferecer um recorte da experiência mística e sincrética da religiosidade cristã primitiva.

Práticas mágicas no cotidiano

A descoberta dos Papiros Mágicos Gregos (*Papyri Graecae Magicae*, ou PGM, como usaremos de agora em diante), um compilado de textos de teor mágico provenientes do Egito, sendo a maior parte dos textos produzidos entre os séculos II e V EC, nos permite compreender como os cristãos primitivos se relacionavam com a magia. Esses textos consistem em instruções para amuletos e encantamentos destinados a proteção, saúde, sucesso e cura, além

³³Tertuliano rejeitou a magia em diversas obras, denunciando-a como uma prática diabólica, na obra *Apologeticum* (Apologia), capítulo 22, ele escreve sobre os demônios como os responsáveis por inspirar a idolatria e a magia. Irineu de Lion condenou a magia principalmente em seu combate ao gnosticismo, especialmente na obra "Contra as Heresias" (*Adversus Haereses*). Ele criticava as seitas gnósticas por utilizarem práticas mágicas e ocultas, que muitas vezes faziam parte de suas crenças. Agostinho também associava a magia ao engano demoníaco. Em sua obra "A Cidade de Deus" (*De Civitate Dei*), ele argumenta que os demônios utilizam a magia como forma de enganar os seres humanos e desviá-los de Deus (livro 8, capítulo 19).

de feitiços amorosos e eróticos, entre outros. Embora não seja possível afirmar com certeza se os encantamentos eram efetivamente reproduzidos, sua existência atesta a crença em uma conexão com o sobrenatural que poderia ser manipulada por meio de fórmulas mágicas. Quanto as instruções para a confecção dos amuletos, Paulo Nogueira nos esclarece de que se trata da fórmula executada, sendo a materialização da magia (2020, p.32). Eram escritos em pequenos pedaços de papiro que deveriam ser atados ao corpo, ou guardados em locais específicos. Como as religiões de mistério eram conhecidas por seu sincrétismo, com divindades de diferentes religiões sendo cultuadas e invocadas, os PGM refletem essa característica em sua composição, com influências de outras culturas, em especial a egípcia, grega e judaica. Entre as entidades invocadas, encontramos Hermes-Toth, Afrodite, Zeus, Abrasax, Sabaot, Adonai, Iao e, em alguns casos, Jesus.

Em sua coleção dos PGM, Karl Preisendanz (Preisendanz *et al.*, 2001) identificou 24 textos no corpus dos PGM que podem ser classificados como “papiros cristãos”, por apelarem a Jesus, Maria, à Trindade e aos anjos. Esses textos seguem a fórmula dos PGM, mas adaptam a invocação à cosmovisão monoteísta cristã, transformando-se em orações e petições que, geralmente, resultavam em amuletos portados pelos suplicantes. Nogueira nos aponta uma diferenciação entre um amuleto cristão de um não cristão, afirmando que

no caso de um amuleto cristão, temos a invocação do “Senhor, Todo-Poderoso” (...). Diferentemente dos feitiços dos PGM, não encontramos referências a elementos materiais, como ervas, plantas, penas, etc. Caso houvesse a prescrição desses elementos, eles deveriam ter sido usados na confecção do amuleto. Portanto, essa é uma diferença importante a considerar entre as prescrições e receitas para magia e os amuletos. Estes últimos já são um passo à frente no processo, já são artefatos mágicos poderosos prontos, ou quase prontos, uma vez que ainda podem se fazer necessárias orações, gestos (sinal da cruz), e o atar do amuleto junto ao corpo. Também podemos entender a ausência de mais entidades evocadas devido ao monoteísmo cristão, o que não impede que santos, anjos ou diferentes nomes de Deus sejam invocados (Nogueira, 2020, p. 33).

Segundo Manuel García Teijeiro, a confecção de um amuleto exigia a realização de rituais específicos, onde as palavras deveriam ser pronunciadas corretamente e o propósito do objeto definido com precisão, pois qualquer falha poderia invalidar sua eficácia (1994, p. 323). Nesse sentido, os amuletos funcionavam como "magia do corpo" (Nogueira, 2020, p. 31), sendo usados fisicamente como proteção e como lembrança tangível do poder sobrenatural.

É importante ressaltar que neste estudo, optamos por não fazer uma distinção rígida entre magia e religião, como é costume na historiografia clássica, uma vez que os próprios cristãos primitivos pareciam não fazer essa separação (Nogueira, 2018, p. 62). Em vez disso, consideramos que práticas mágicas e religiosas estavam profundamente interligadas na experiência cotidiana dos cristãos primitivos.

Ainda que existam passagens no cânon cristão que condenem práticas mágicas, como a narrativa de Simão, o mago (At 8,9-24), ou as exortações de Paulo (Gl 5,19-21), é importante destacar que a distinção entre magia permitida e magia proibida se trata de uma construção posterior, consolidada pela ortodoxia. Entre os cristãos populares, certos ritos, bênçãos, orações, relíquias e amuletos eram percebidos como formas legítimas de acessar o poder divino, enquanto outras práticas, geralmente associadas a rivais ou hereges, eram condenadas. Assim, quando afirmamos que não havia uma separação rígida entre religião e magia no cotidiano dos primeiros cristãos, refiro-nos a essa realidade sincrética, na qual o que hoje chamamos de magia era, muitas vezes, parte orgânica da fé.

A) P4 – Papiro de Oxirrinco 1077 (cf. POxy. 8, 1911)

(Palavras em colunas formando várias cruzes e cercando o busto de uma pessoa.) Evangelho curativo segundo Mateus. E Jesus andou por toda a Galileia, ensinando e pregando o evangelho do Reino, e

curou toda enfermidade, e toda debilidade, e toda doença entre o povo. E espalhou-se a fama dele por toda Síria, de forma que traziam a ele todos os que tinham doenças, e Jesus as curou (Martínez; Romero, 1987, p. 396, tradução nossa).

Análise

Segundo a orientação do amuleto, as palavras deveriam ser escritas em colunas formando várias cruzes e o papiro dobrado várias vezes até aparecer a forma de um rosto. Não é possível afirmar se seria o rosto da pessoa a quem o amuleto pertencia ou uma representação de Jesus. Aqui, as palavras são as mesmas de Mt 4,23-24 indicando a fé do dono do objeto nos milagres realizados por Jesus. Trazer esse versículo junto ao corpo, era uma forma de, por justaposição, tanto física quanto simbólica, evocar o mesmo poder com o qual Jesus curou os enfermos por toda a Galileia. O suplicante provavelmente acreditava que, assim como Jesus havia curado doenças e afastado todo tipo de enfermidade anteriormente, ao evocar essa passagem do Evangelho, o mesmo poder poderia alcançá-lo. Paulo Nogueira também realiza uma análise desse amuleto em seu artigo *Práticas mágicas no cristianismo primitivo* (2020), onde discorre sobre o uso do sumário de Mt 4,23-24 em um objeto mágico. Enquanto seu uso literário visava demonstrar o poder do milagreiro e realizar transições na narrativa,

no uso da magia, e do amuleto especificamente, no entanto, o sumário atende a outra necessidade: a de relatar e evocar ações de poder em poucas palavras, de forma exemplar. A referência a curar doença/enfermidade é citada 4 vezes, e numa delas de forma repetitiva, artificial. Nada disso é gratuito. Trata-se de concentrar poder por meio de palavras sobre o objeto que toca o corpo do que pede proteção. É um tipo de exegese material do texto (2020, p. 36).

B) P5a – Papiro de Oxirrinco 924 (cf. POxy. 6, 1908)

Guarde e proteja Aria do frio que dura o dia todo, do frio diurno e do frio noturno, da febre aguda na cabeça. Isto será feito com bondade e completamente. Primeiramente, de acordo com sua vontade e segundo a fé dela, pois ela é escrava do Deus vivo; para que seu nome seja absolutamente glorificado. [Pelo] poder de Jesus Cristo, Pai, Filho, Mãe, Espírito Santo (alfa e ômega) e Abrasax (Martínez; Romero, 1987, p. 397, tradução nossa).

Análise

Abrasax, é um dos nomes de divindade que mais aparece nos pergaminhos, e é também encontrado constantemente em textos gnósticos. Também era gravado em algumas gemas chamadas de Pedras de Abrasax, que eram usadas como amuletos (Cf. Figura 1). É curioso observar o tom das palavras do conjuro⁴. A ordem de proteção é dada no imperativo: “guarda e protege”, ao mesmo passo que parece haver uma tentativa de aproximar a vontade de Deus (a quem o amuleto se destina) ao fazer menção de sua índole bondosa através de uma sutil manipulação: “isso farás com benevolência e completamente de acordo com sua vontade em primeiro lugar”; além de se colocar como uma serva humilde, portanto, digna de receber a cura pela vontade de Deus. A menção às figuras do Evangelho possui uma interessante particularidade: evocar a “mãe”, além de Abrasax, sugere uma fé gnóstica da suplicante, isso porque não era comum que os cristãos ortodoxos fizessem uso do termo, diferente dos cristãos gnósticos que veneravam a Deusa Mãe (Pagels, 1989, p. 49).

Figura 1 – Classificação iconográfica: Gema mágica. Material: Jaspe verde. Datação provável: Século III. Procedência: The British Museum. Dimensões: 1,5 × 1,2 × 0,4. Anverso: Abrasax usando uma armadura, com cabeça de galo e serpentes como pés. Cabeça virada para à esquerda e um chicote em sua mão direita. Braço esquerdo

⁴A palavra refere-se a uma fórmula ritual de palavras, geralmente pronunciada em voz alta, destinada a invocar, ordenar ou persuadir uma força espiritual ou divina a agir em favor de quem o profere. Nos contextos analisados, o conjuro é, ao mesmo tempo, súplica e comando, pois combina a humildade do pedido com a autoridade simbólica de quem acredita poder mobilizar o sobrenatural por meio da palavra escrita ou falada.

inferior escondido atrás de um escudo redondo. *Obverso*: inscrição de seis linhas com os dizeres “CABAW / ABPACAE / ΑΔΟΝΕΑ / ΒΛΑΝΑΘΑ / ΛΒΑΛΑΡ / ΟΥΠΙΞΥ” Tradução: Sabaôth, Abrasax, Adônai, Ablanathanalba (palíndromo).



Fonte: Die Magischen Gemmen im Britischen Museum (2001).

C) P5b – Papiro de Oxirrinco 1151 (cf. POxy. 8, 1911)

Afasta-se, espírito odiado; Cristo está perseguindo você. Você foi pego pelo Filho de Deus e pelo Espírito Santo. Deus da piscina probática, salve sua escrava Ioania, filha de Anastasia, também conhecida como Eufemia, de todos os males. [...] Senhor (cruz) Cristo, Filho e Palavra do Deus vivo, aquele que cura todas as doenças e todo sofrimento, cura e cuida também de sua escrava Ioania, filha de Anastasia, também conhecida como Eufemia, e rejeita e afasta toda a febre e todos os estados febris [...]. Peço a intercessão de Nossa Senhora, a Mãe de Deus e dos gloriosos arcangels e do sagrado Apóstolo e Evangelista e teólogo João; e de São Sereno e São Filóxeno e de São Víctor e de São Justo e de todos os santos; porque invoquei seu nome, Senhor Deus, o milagroso e glorioso e terrível para seus inimigos (Martínez; Romero, 1987, p. 398, tradução nossa).

Análise

Nesse amuleto, Cristo é invocado como “o deus da piscina probática”, fazendo referência à cura do paralítico no tanque de Bethesda (Jo 5.1-14). Há também a invocação a outras personagens dos Evangelhos e quatro santos⁵, que provavelmente são mártires cristãos da época, como é o caso de São Justo, um mártir do século II que foi canonizado pela Igreja Cristã. O forte apelo comunitário representa um pedido de ajuda à toda a hierarquia celestial. Quanto a Filóxeno, por mais que não haja registro de mártires ou santos com esse nome, um dos títulos atribuídos a Zeus era justamente Zeus Filóxeno, como padroeiro da hospitalidade e dos estrangeiros (Sissa; Detienne, 1990, p. 176). Ioania mencionada como uma escrava, muito provavelmente era estrangeira, o que sustenta a crença de que Filóxeno é uma referência a Zeus Filóxeno e não a um santo cristão. A condição social da escrava enfatizada no amuleto também reflete na gravidade de sua suplica, já que o uso do objeto pode indicar um recurso desesperado para alguém de baixa posição social e sem acesso a tratamentos convencionais da época, assim como também pode indicar que a mulher se colocava em uma posição de total submissão a Deus, crendo que ele se sentiria responsável por seu bem-estar e saúde. O conteúdo do conjuro segue um padrão comum em amuletos cristãos, combinando citações bíblicas (como o prólogo de Jo 1,1-3) com invocações e pedidos específicos. A referência ao termo “palavra”

⁵Enquanto São Justo é um mártir reconhecido do século II, não há registros históricos detalhados sobre os outros santos citados, o que pode indicar figuras menos conhecidas ou regionais.

(*logos*) não apenas reforça a dimensão divina de Cristo como curador, mas também conecta o pedido ao papel central do *Logos* na criação e na manifestação do poder divino.

D) P5c; d – c) Amuleto do Museu Egípcio do Cairo, número 1069 e d) Papiro 1176 do Museu Britânico

- c) Venha ao meu socorro, das garras do cachorro (...) dos chifres de touros selvagens (...) com meus irmãos no meio da assembleia, vou cantar para você, meu... e dos mártires que testificaram (...) Sabbatio, Probatio, Estevão, Ciríaco, com as orações deles (...) oh bem, salve sua escrava de todas as doenças de seu corpo e resgate-a de toda a fraqueza da alma, pelo nome do Senhor. A salvação (...) do Deus vivo ". Como muitos tentaram dar uma explicação ordenada sobre os fatos totalmente verdadeiros entre nós. "Livro da origem de Jesus Cristo". No início, havia a Palavra e a Palavra foi dirigida a Deus e Deus era a Palavra. São Focas⁶, Santo Mercúrio⁷, guardem seu escravo. (Cruz)
- d) Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, agora e para sempre pelos séculos dos séculos. Tenho por escudo ao Filho Unigênito: Afasta de mim todo mal, toda calamidade, o Sangue de Cristo protege aquele que o carrega (Martínez; Romero, 1987, p. 398-99, tradução nossa).

Análise

Nesse texto vemos como o próprio sangue de Cristo era interpretado como um amuleto poderoso e invisível, que concederia proteção e socorro àquele que o clamasse, além de reforçar a ideia de que o sacrifício de Jesus oferecia proteção espiritual e física. Temos também uma interessante fórmula: a invocação a divindade, o pedido de proteção, e caso o pedido fosse atendido, uma promessa: "vou cantar para você". Essa "troca" prometida pelo suplicante demonstra como o pedido não seria "gratuito", mas a divindade seria recompensada com louvor e adoração pelo bem que faria: "venha ao meu resgate, das garras do cachorro (...) dos chifres de touros selvagens (...) com meus irmãos no meio da assembleia, vou cantar para você". Portanto, há uma invocação, o pedido de libertação e a promessa. Essa invocação é dirigida a mártires novamente, acompanhado de novo pedido de socorro. O apelo aos mártires pode indicar a crença em uma "rede celestial" de intercessores, característica comum em amuletos cristãos. A menção às escrituras sustenta a legitimidade do amuleto: Sl 22,22 "com meus irmãos no meio da assembleia, vou cantar para você", Evangelhos de Mateus e Lucas (livro da origem de Jesus Cristo), e o livro de João: "no início havia a Palavra...". Há novamente o costume de colocar o dono do objeto em uma posição de humildade diante dos santos e divindades a quem o apelo se direciona. No amuleto 5d, a frase 'pelos séculos dos séculos' tem um caráter escatológico, sugerindo uma visão de proteção eterna e transcendental.

E) P13 – Papiro 10263 do Museu Egípcio do Cairo

Eu te invoco, Deus do céu e Deus da terra e Deus dos santos através de seu sangue, que nos traz a plenitude dos séculos; Tu, que veio ao mundo, e quebrou o casco de Caronte, que veio através de Gabriel, no ventre de Maria, a Virgem, que nasceu em Belém e foi criado em Nazaré, que foi crucificado... pois a cortina do Templo rasgou por si mesma, o que ressuscitou dos mortos no túmulo, no terceiro dia de sua morte apareceu na Galileia e subiu para o alto dos céus. O que tem a sua esquerda inúmeras miríades de anjos e de igual forma, tem a sua direita inúmeras miríades de anjos, que clamam a uma só voz, e por três vezes "Santo, Santo, o Rei do universo, os céus estão cheios de tua divindade, aquele que abre caminho no vento" [...]. Os principados e os poderes e os governantes mundiais das trevas, seja espírito imundo, seja o demônio que cai nas horas da metade do dia, seja resfriado, seja febre, ou calafrios, ou mal tratamento por parte do homem, ou poder do adversário: não tenham poder contra sua imagem, pois foi formada pela mão da divindade, porque tua é toda a

⁶Um mártir cristão do século IV, conhecido como protetor de marinheiros e agricultores.

⁷Um soldado romano e mártir cristão do século III.

força, oh misericórdia do mundo, o que exerce poder pelos séculos (Martínez; Romero, 1987, p. 403-04, tradução nossa).

Análise

O texto do amuleto, relativamente longo (o que nos levou a não o traduzir em sua totalidade), enfatiza a glorificação de Jesus como Senhor universal e Rei divino. Suas descrições remetem ao Apocalipse de João, especialmente no louvor dos anjos que clamam “Santo, Santo, o Rei do universo”. Essa referência não apenas glorifica Jesus, mas também sugere uma conexão com a liturgia cristã antiga, como o *Sanctus* da celebração eucarística. A repetição dos feitos de Jesus — sua encarnação, morte, ressurreição e ascensão — reforça a superioridade divina de Cristo diante de inimigos físicos e espirituais. Essa ausência de separação entre físico e sobrenatural reflete a visão de mundo do cristianismo primitivo, no qual eventos terrenos eram interpretados como manifestações de forças espirituais. O texto também apresenta um teor sincrético, como evidenciado pela referência a Caronte, o barqueiro do submundo na mitologia grega. Ao “quebrar o casco de Caronte”, Jesus é retratado como aquele que venceu e destruiu o domínio da morte, reafirmando a fé cristã na ressurreição como vitória final. Essa assimilação de um símbolo helênico reforça o triunfo do cristianismo sobre as crenças pagãs, reinterpretando-as dentro de sua própria narrativa. Outro aspecto relevante é o tom imperativo do texto. O suplicante, embora se apresente como “servo” ou “escravo”, utiliza comandos para direcionar a divindade. Essa combinação de submissão e autoridade é característica tanto de textos mágicos quanto de orações cristãs antigas, refletindo uma dinâmica em que o reconhecimento da soberania divina legitima a reivindicação de proteção. Por fim, o amuleto integra elementos de proteção contra forças malignas e doenças, representando Jesus como o Senhor que domina tanto sobre os “principados e potestades” (Ef 6,12) quanto sobre enfermidades e adversidades humanas. A universalidade do poder de Jesus é enfatizada pelo dono do amuleto, que apela à sua intervenção como garantia de segurança e justiça.

F) P16 – Papiro da Coleção de G. F. Zereteli

(Cruz). Santíssima Trindade, Santíssima Trindade, Santíssima Trindade. Através dos santos mártires eu oro ao Senhor. Pois o anjo não está alheio ao nosso sofrimento; esse prova que Teodósio tem um caráter tirânico. Eu sofri todas as adversidades graças à sua condição tirânica, sem obter ajuda, exceto a força de Deus e nosso testemunho através dos assuntos. E por isso busco refúgio em ti e chorando eu olho para tua santidade para contemplar teu poder. Quanto mal me fez! Então remova todos os males que eu sofro por causa disso. Senhor, não olhe mais para ele. Nem o ajude como eu lhe disse antes, Teodósio, nem me deixes a mim; porque tu és o único Senhor, o único Deus no Filho e no Pai e no Espírito Santo e pelos séculos dos séculos. Amém, amém, amém, amém. Senhor, Senhor, Senhor... (Martínez; Romero, 1987, p. 406, tradução nossa).

Análise

Este papiro apresenta características que merecem análise cuidadosa. O teor do amuleto sugere uma oração de súplica por socorro e misericórdia, indicando que o suplicante passava por um período de perseguição. Embora não haja evidências suficientes para afirmar que o texto tenha um contexto político, o fato de o inimigo ser nomeado “Teodósio” e descrito como tirânico – termo comumente usado para líderes políticos – levanta essa possibilidade. Se considerarmos que o amuleto pode estar se referindo a uma perseguição religiosa ou política, o nome “Teodósio” poderia ser uma referência ao imperador Teodósio I (379–395 EC) ou Teodósio II (408–450 EC). Historicamente, Teodósio I foi um dos responsáveis por transformar a fé cristã na religião oficial do Império Romano, consolidando a ortodoxia nicena como oficial (Guerras, 1992, p. 155-57). A ortodoxia nicena rejeitava práticas religiosas consideradas

pagãs, cultos de mistério e elementos místicos. Entre os grupos perseguidos estavam os gnósticos, arianos, donatistas e maniqueus, considerados hereges por suas crenças divergentes. Caso o amuleto esteja se referindo à perseguição religiosa contra os cristãos gnósticos – bem como feiticeiros, astrólogos e pagãos, ele pode estar relacionado às medidas repressivas de Teodósio I contra essas tradições (Guerras, 1992, p. 158). As políticas anti-heréticas foram mais tarde compiladas e sistematizadas sob Teodósio II no Código Teodosiano (*Codex Theodosianus* – 438 EC) e nas Novelas Teodosianas (*Novellae Constitutiones*), que incluíam decretos desde Constantino. Essas leis proibiam reuniões de hereges, ordenavam a queima de seus livros e, em alguns casos, impunham penas severas, incluindo o exílio e execuções.

[...]Proibimos todos os hereges de realizar assembleias ilegais dentro das cidades. Se as facções tentarem fazer algo, ordenamos que sua *loucura* seja banida e que sejam expulsos dos próprios muros das cidades, para que as igrejas católicas em todo o mundo possam ser restauradas a todos os bispos ortodoxos que mantêm a fé nicena (Pharr et al., 1952, p. 451, tradução e grifos nossos).

Cópia de uma Carta Imperial Sagrada. Ordenamos que os contágios poluídos dos hereges sejam expulsos das cidades e expulsos das vilas. Nenhuma oportunidade estará disponível para eles para quaisquer reuniões, de modo que em nenhum lugar uma *corte sacrílega* de tais homens possa ser reunida. Nenhum conventículo, público ou oculto será concedido à *perversidade* de tais pessoas como退iros para suas *falsas doutrinas* (Pharr et al., 1952, p. 454, tradução e grifos nossos).

Se, de fato, após a publicação formal desta ordem, esses hereges forem apreendidos em qualquer cidade qualquer que seja ou for provado que entraram em qualquer casa com o propósito de realizar seus *ritos supersticiosos*, seus bens serão confiscados e eles próprios sofrerão a *pena suprema*. A casa na qual eles entraram da maneira supracitada será anexada ao fiscal sem demora, a menos que tais hereges sejam *imediatamente expulsos* pelo mestre ou pela dona da casa e *denunciados às autoridades*. Ordenamos que os livros que contêm a doutrina e a matéria de todos os seus crimes sejam imediatamente procurados e produzidos, com a maior astúcia e com o exercício da devida autoridade, e eles serão consumidos com fogo imediatamente sob a supervisão dos juízes. Se por acaso qualquer pessoa for condenada por ter escondido qualquer um desses livros sob qualquer pretexto ou fraude qualquer que seja e por não ter entregado, ele saberá que ele próprio sofrerá *pena de morte*, como um retentor de livros nocivos e escritos e como culpado do *crime de magia* (Pharr et al., 1952, p. 456, tradução e grifos nossos).

Sendo assim, o texto do amuleto pode ser de alguém que se sentia perseguido por um governante tirânico, possivelmente Teodósio I ou II, clamando à divindade por justiça e proteção. No entanto, sem mais evidências diretas, permanece a dúvida sobre se a referência a "Teodósio" diz respeito a um imperador específico ou se poderia simbolizar um governante opressor genérico, ou mesmo um cidadão comum. Se considerarmos que alguns dos papéis cristãos analisados neste estudo possuem características gnósticas e místicas, é possível que este amuleto tenha pertencido a um cristão de uma vertente não ortodoxa, possivelmente perseguido. Embora Teodósio I e Teodósio II tenham se convertido ao cristianismo e apoiado a ortodoxia nicena, o cristianismo no período continuava fragmentado. Divergências sobre a natureza de Cristo, por exemplo, levaram a conflitos internos, resultando na perseguição de grupos como gnósticos, arianos, donatistas e maniqueus. Se o amuleto não estiver se referindo a uma perseguição religiosa ou política, mas sim a um conflito pessoal, a figura de "Teodósio" pode representar um opressor específico, que o suplicante acreditava estar sendo favorecido por Deus. Isso pode ser compreendido a partir da frase: "...Senhor, não olhe mais para ele. Nem o ajude como eu lhe disse antes...". Essa declaração sugere que o dono do

amuleto acreditava que Deus havia concedido proteção ou bênçãos a Teodósio em resposta a orações anteriores, mas agora o suplicante deseja que essa ajuda seja retirada. Além disso, a repetição de "Senhor, Senhor, Senhor" e "amém, amém, amém, amém" é um elemento significativo. Essa estrutura é comum tanto em orações litúrgicas cristãs quanto em textos mágicos da época. A repetição poderia ser usada como uma maneira tanto de intensificar o pedido, potencializando sua eficácia espiritual, quanto como uma forma de expressar o desespero do suplicante, enfatizando sua situação de sofrimento. Como se trata de uma oração escrita, carregada junto ao corpo, o amuleto parece ter sido feito com o objetivo de ser uma proteção contra Teodósio e suas perseguições.

Cristianismo(s) primitivo(s)

O teor sincrético e místico dos amuletos analisados neste estudo sugere que os adeptos dessas práticas não pertenciam a vertente da fé cristã que se tornou ortodoxa. Pelo contrário, eram marginalizados até mesmo entre as próprias comunidades cristãs. O uso de itens mágicos e de elementos de origem pagã, como a invocação à divindade Abrasax, indica que alguns cristãos primitivos acreditavam que sua fé não se limitava a orações, mas também envolvia objetos imbuídos de poder.

Os amuletos que analisamos mostram que os cristãos primitivos estavam em constante contato com a misticidade da fé. Para eles, a espiritualidade englobava o sobrenatural, e práticas místicas ofereciam acesso a esse poder. A repetição de palavras corretas e o uso de objetos mágicos eram entendidos como meios de atrair a atenção divina e garantir não só proteção espiritual, mas também determinados benefícios que eram especificados nos amuletos.

A observação dos papiros cristãos sugere que os usuários desses objetos pertenciam, em sua maioria, às classes mais baixas, como escravos e servos, assim como cristãos que não eram aceitos pela própria ortodoxia cristã. Os textos encontrados nos PGM, foram elaborados ao longo de séculos, e mostram que as práticas mágicas resistiram longamente às perseguições. Perseguições essas que são relatadas até mesmo no cânon bíblico. No livro de Atos dos Apóstolos, encontramos narrativas que vilanizam magos, cultos de mistério e práticas populares de magia, evidenciando o esforço da ortodoxia em eliminar tais elementos do cristianismo (8,9-25; 13,6-12; 19,18-20).

O objetivo deste artigo não é debater as razões pelas quais a magia foi perseguida pela ortodoxia cristã e pelo Império Romano, mas sim compreender a abertura de uma parcela dos cristãos à magia e que a presença da misticidade na experiência cristã primitiva foi um fator significativo, mesmo que seja ainda pouco explorado pelos estudos sobre protocristianismo. A diversidade dessas práticas reforça a ideia de que o cristianismo não se desenvolveu de forma singular. Como Paulo Nogueira observa: "não temos qualquer certeza sobre quando o Cristianismo passa a ser visto como uma religião independente do Judaísmo" (2018, p. 29). Portanto, assim como Nogueira, consideramos que, devido à ausência de um consenso sobre as origens do cristianismo e à diversidade de grupos cristãos que expressavam sua fé de maneiras distintas, é necessário que ao pensar em protocristianismo, reconheçamos sua pluralidade.

Conclusão

A leitura dos papiros cristãos revela que a prática da magia e o uso de amuletos não eram considerados incompatíveis com a fé por determinados grupos cristãos da época. Pelo contrário, esses objetos parecem ter sido uma extensão da crença em Jesus, refletindo a necessidade de legitimar seus feitos sobrenaturais ao referenciá-los em itens mágicos. A pluralidade da religiosidade cristã pode ser observada ao notarmos que a presença de magia nas expressões de fé de alguns cristãos foi sistematicamente negligenciada – e, possivelmente, apagada de forma

intencional. Essa hipótese se sustenta quando analisamos os esforços da ortodoxia cristã e de seus líderes para condenar práticas mágicas e objetos de poder, classificando-os como idolatria e seus praticantes como hereges. Dessa forma, fica evidente que algumas expressões de fé cristã foram perseguidas e suprimidas, tornando essencial a recuperação dessa memória para aprofundarmos a compreensão do cristianismo enquanto cultura e religião popular.

A análise dos papiros, nos permite avançar na compreensão de como os cristãos primitivos não estavam isolados das tradições religiosas que os cercavam, além de não terem abandonaram completamente os costumes e crenças que mantinham antes de sua conversão ao cristianismo. Um exemplo claro disso é a adaptação de práticas mágicas das religiões pagãs nos amuletos cristãos. As fórmulas utilizadas na confecção desses objetos seguem o mesmo padrão estrutural dos encantamentos presentes nos PGM. Isso também se manifesta na ideia de que uma oração simples não seria suficiente, sendo necessário que o amuleto fosse amarrado junto ao corpo, tornando-se parte do suplicante. Dessa forma, os amuletos não eram objetos passivos, mas exigiam uma interação ativa com seu portador – um conceito amplamente presente nas tradições politeístas, como já destacamos anteriormente.

Outro elemento central nessas práticas era a repetição das palavras. Esse recurso não pode ser interpretado como um simples detalhe, pois a repetição era fundamental nos contextos mágicos e religiosos da época. No caso dos amuletos cristãos, ainda não sabemos se a repetição funcionava como nos cultos de mistério, onde o ato de repetir frequentemente levava ao transe e à conexão mística com o divino. É mais provável que, nos amuletos cristãos, a repetição servisse para reforçar o poder do objeto e legitimar os milagres de Cristo, frequentemente mencionados mais de uma vez em um mesmo texto. Essa repetição poderia ter diversas funções, entre elas: reforçar a fé do portador, criar um vínculo mais profundo com o poder espiritual invocado e afirmar a autoridade do nome de Jesus ou da Trindade. Nos Papiros Mágicos Gregos, por exemplo, a repetição de nomes divinos visava amplificar o poder do encantamento, e algo similar pode ter ocorrido no cristianismo, adaptado à cosmovisão monoteísta. Além disso, a repetição dos milagres de Cristo pode ser interpretada como uma forma de afirmação teológica, reforçando a superioridade de Jesus como fonte de poder e proteção. Outro aspecto interessante é a forma como os comandos eram formulados no texto. Como destacamos anteriormente, os textos possuem um tom manipulativo, ainda que de forma sutil. Ao mesmo tempo que o portador do amuleto se coloca em condição de subserviência, ele também ordena que a divindade atue em seu favor. Isso sugere que existia a crença de que os objetos mágicos, as palavras proferidas e os ritos realizados podiam influenciar a vontade divina.

A partir de nosso estudo, fica claro que os antigos cristãos comprehendiam que o espiritual estava diretamente ligado ao material e que um podia exercer influência sobre o outro. Assim, aquilo que era desejado no plano físico podia ser requerido na esfera espiritual – fosse uma cura física ou uma proteção contra inimigos. Lidar com as questões terrenas da mesma maneira que se lidava com problemas de ordem espiritual sugere que o cristão primitivo não fazia diferenciação entre o que era estritamente natural do que era sobrenatural; tudo estaria interligado. Essa visão holística é característica do pensamento religioso antigo, onde as ações humanas e os fenômenos naturais eram frequentemente interpretados como reflexos de forças espirituais. Essa perspectiva demonstra como o cristianismo primitivo integrava elementos de cura, proteção espiritual e física e vitória cósmica em um único sistema de crença.

Ainda há muito a se avançar nos estudos sobre protocristianismo, mas acreditamos que descortinar a influência mística na religiosidade cristã é um passo essencial para esse avanço. Investigar as classes mais baixas do cristianismo primitivo oferece um novo recorte sobre o desenvolvimento da tradição cristã, evidenciando o diálogo dos cristãos com os cultos de mistério e outras religiões politeístas da época. Isso reforça a ideia de que o cristianismo não se desenvolveu isoladamente, mas sim como resultado de uma complexa fusão de tradições, crenças e práticas religiosas.

Referências

BETZ, Hans Dieter (ed.). *The Greek Magical Papyri in translation. Including the Demotic Spells*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

GUERRAS, Maria Sonsoles. O imperador Teodósio e a cristianização do império. *Clássica: revista brasileira de estudos clássicos*, [S. l.], p. 155–160, 1992.

JUNIOR, Ruy Rocha. Cultos de Mistério: Dionísio e as origens ocultas do cristianismo. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Narrativa e cultura popular no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Práticas mágicas no cristianismo primitivo: estudo da religião popular nos amuletos cristãos. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 1, p. 27-45, jan./abr. 2020.

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. New York: Vintage Books Edition, 1989.

PREISENDANZ, Karl et al. (Ed.). *Papyri Graecae Magicae. Die greiechischen Zauberpapyri*. Vol. 1 e 2. München; Leipzig: K. G. Saur, 2001.

SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. *Os deuses gregos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

TEIJEIRO, Manuel García. Sobre los papiros mágicos cristianos. Salamanca: *Helmántica: Revista de filología clásica y hebrea*, v. 45, n.º 136-138, 1994, p. 317-329.

Textos de magia en papiros Griegos. Tradução, introdução e notas de J.L Calvo Martínez e Mª. D. Sanchez Romero. Madrid: Gredos, 1987.

Theodosian code and novels and the sirmondian constitutions: a translation with commentary, glossary, and bibliography. Tradução de Clyde Pharr em colaboração com Theresa Sherrer Davidson e Mary Brown Pharr. Introdução de C. Dickerman Williams. Princeton: Princeton University Press, 1952.